

A prática linguística do fronteiro brasileiro

GONÇALVES, Dania Pinto¹; MOZZILLO, Isabella²

¹UFPEl- daniaaoncalves@hotmail.com

²UFPEl- isabellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A situação linguística da zona fronteira do Uruguai e do Brasil começou a ser estudada há cerca de cinquenta anos, com o pesquisador uruguaio José Pedro Rona, que publicou no ano de 1965 *El dialecto fronterizo del Norte del Uruguay*. De acordo com ELIZAINCÍN (1996), foi a partir desse momento fundacional que uma grande quantidade de estudos dentro e fora do Uruguai contribuiu, desde diferentes pontos de vista e com referenciais teóricos diversos, para uma melhor compreensão da situação, não só linguística como também social, demográfica e histórica em geral dessa zona fronteira.

Consoante BEHARES (1996) e ELIZAINCÍN (1996), a preocupação pela situação linguística do norte uruguaio é mais antiga. No final do século XIX, o pedagogo José Pedro Varela, ao reformular o sistema escolar uruguaio, com a chamada *Ley de Educación Común*, já apontava que na fronteira do Uruguai com o Brasil, a língua espanhola era pouco empregada pelos fronteiros uruguaio, visto que a língua que predominava do lado uruguaio era o português.

Os estudiosos¹ da área estão de acordo que Rona foi o fundador, na década de 50, da nova linha de investigação dos “estudios fronterizos”, que estabelece o cruzamento das línguas de fronteira e tem sua continuidade com os trabalhos de ELIZAINCÍN, BEHARES & BARRIOS (1987) e também com pesquisas de outros linguistas, entre eles HENSEY (1972), CARVALHO (1998) e STURZA (2006).

Este trabalho objetiva analisar os resultados parciais coletados de como o comerciante e o comerciaro fronteiros brasileiros se comunicam quando querem falar espanhol, a fim de verificar se essa prática linguística do fronteiro brasileiro corresponde à prática linguística da fronteira uruguaia descrita por BEHARES, ELIZAINCÍN e BARRIOS (1987), que são os Dialectos Portugueses do Uruguai, doravante DPU.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O corpus constituinte deste estudo foi coletado na fronteira do Brasil e Uruguai nas cidades de Jaguarão/ Rio Branco com comerciantes e comerciaros fronteiros brasileiros.

Este corpus faz parte de um teste piloto proposto pela pesquisadora e orientadora, que teve como instrumentos de apoio o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o questionário de identificação e as gravações diárias das vendas efetuadas pelos trabalhadores.

Procuramos obter a melhor qualidade possível de gravação, com a utilização de um gravador digital, e a produção mais natural possível, por parte

¹ ELIZAINCÍN (1996) , BEHARES (1996), BARRIOS (2005, 1996) e STURZA (2006)

dos sujeitos. Primeiro foi gravado o questionário com cada indivíduo; logo após, o gravador foi deixado com ele para gravar suas vendas diárias.

As variáveis controladas neste piloto são: idade, escolaridade, tempo de serviço no comércio fronteiriço, cidade de nascimento e o requisito para participar da pesquisa é ter como língua materna o português.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa qualitativa tem características claras e definidas, quais sejam: é mais descritiva, há mais interesse pelo processo, e o significado é de importância vital. Estão sendo descritas e analisadas somente as abordagens que os comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros efetuaram com falantes do espanhol, para analisar se a realidade linguística da fronteira brasileira corresponde à prática linguística da fronteira uruguaia descrita por BEHARES, ELIZAINCÍN e BARRIOS (1987), BEHARES (2011) na qual encontraremos os DPUs; por muitos considerado uma prática de *code-mixing*. (MOZZILLO, 2011).

Os resultados apresentados são parciais tendo em vista que se trata de três testes pilotos, através dos quais é possível indicar o rumo que tomarão posteriormente os resultados finais da pesquisa.

Consoante BEHARES (2011), a prática dos comerciantes e comerciários fronteiriços uruguaio, pode ser considerada como uma variante dos DPUs, que formam quase um pidgin, já que a comunicação se dá através da necessidade de interatuar no comercial dos *Free Shops* entre uruguaio e brasileiros distantes da região fronteiriça.

Como do lado fronteiriço brasileiro a comunicação se dá com o brasileiro ou uruguaio local, desconsideramos a prática do pidgin e levamos em consideração outro fenômeno dessas variantes fronteiriças que, segundo MOZZILLO (2011), podem ser consideradas um *code-switching*, doravante CS.

Ainda conforme a autora, o CS não constitui uma mistura agramatical de duas línguas não totalmente dominadas, mas uma estratégia comunicativa que é sinal de habilidade linguística e que é utilizada por bilíngues com o objetivo de transmitir informação linguística e social. Tal fenômeno é o que podemos observar no enunciado dos nossos sujeitos.

Quadro 1:

Cliente- Gracias
Inf. 03- De nada senhora. Que ela tava <u>se provando</u> ?
Inf. 04- (incompreensível)
Inf. 03- ¿y no te gustó?
Cliente- No, me quedó un poquito, viste. Son muy chicas, ¿no?
Inf. 03- Son chicas, sí.
Inf. 04- <u>Mas o rojo ficó precioso</u> , ¿no?
Inf. 03- <u>Ah! e ela é morena, fica bonito mesmo</u> . ¿Era eso sólo?
Cliente- Era
Inf. 03- Bueno
Cliente- Gracias

As cidades gêmeas de Jaguarão e Rio Branco se constituem por um bilinguismo societal, ou seja, é comum ver seus moradores se manejarem com as duas línguas nacionais, o português e o espanhol. Tal manejo entre esse par de

línguas se torna mais evidente no comércio, mais especificamente em nosso estudo no comércio jaguareense, no qual enunciados como o do quadro acima são produzidos.

Conforme CARVALHO (2007), a alternância de códigos não é uma simples mescla dos idiomas envolvidos é necessário um conhecimento das regras desses idiomas. Segundo POPLACK (1980 *apud* CARVALHO 2007), o CS está sujeito a duas restrições gramaticais, uma de ordem morfêmica e outra de ordem sintática.

As alternâncias encontradas em nosso *corpus* são de ordem sintática, nossos sujeitos só fazem a alternância onde as línguas são equivalentes.

Assim, podemos observar enunciados do tipo *intra-sentencial* “Inf. 03- De nada senhora. Que ela tava se provando?” e “Inf. 04- Mas o rojo ficó precioso, ¿no?”, no qual os informantes produzem a alternância dentro da mesma sentença. O informante 03 faz uma inserção unitária afetando somente um elemento da frase, já o informante 04 faz uma inserção segmental, na qual seguimentos de uma língua se alternam com seguimentos da outra. É interessante observar também que as palavras sublinhadas foram produzidas na língua que estava sendo enunciada a conversação, pelo informante 03 o verbo “probar” do espanhol foi aportuguesado, enquanto o informante 04 espanholizou as formas “mas o” e “ficó”.

É possível notar também alternâncias do tipo *intersentencial* “Inf. 03- Ah! e ela é morena, fica bonito mesmo. ¿Era eso sólo?”, no qual o informante alterna as línguas de uma sentença para outra. Neste caso percebemos que o motivo da alternância é possivelmente esteja ligada ao interlocutor, quando o informante 03 contesta ao informante 04 a conversação se dá em português, mas quando o informante 03 dirige a palavra ao cliente uruguaio passa o turno à língua espanhola.

Os dados iniciais nos levam a refutar a ideia de que a prática linguística dos comerciantes e comerciários fronteiriços brasileiros corresponda à prática linguística dos fronteiriços uruguaios, tendo em vista que, o que foi encontrado em nossos dados não se revelam como sendo os DPUs apontado por BEHARES, ELIZAINCÍN e BARRIOS (1987), e nem como o pidgin apontado por BEHARES (2011), o que realmente é notório nos dados é o CS, a alternância de códigos efetuada pelos nossos sujeitos.

4. CONCLUSÕES

Segundo ELIZAINCÍN (1996), há uma necessidade de incluir trabalhos brasileiros em um panorama sobre a linguística do Rio da Prata, para que se possa apresentar melhor o cenário da produção acadêmica regional.

Este estudo quer ajudar a inserir e ampliar o panorama brasileiro sobre a linguística fronteiriça. No Brasil não encontramos muitos estudos sobre o Fronteiriço. Na nossa região destaca-se Sturza, que possui ampla bibliografia na área. Entretanto, do lado uruguaio encontramos grande diversidade de trabalhos, pois tais investigadores têm uma inquietação muito grande com o português do Uruguai, e perpassam essa temática pela culinária, *Na frontera nós fizemos assim: lengua y cocina en el Uruguay fronterizo* (2003); pela literatura (poesia, música, piadas), *Noite nu norte* (2008); pelas políticas de educação, *Portugués del Uruguay y educación bilingüe* (2007) entre outros.

O que se quer nessa pesquisa é partir rumo à língua viva, falada pelos comerciantes e comerciários da fronteira brasileira de Jaguarão/Rio Branco. E a

partir do estudo dos DPUs, da linguística fronteiriça uruguaia, colaborar para traçar a linguística fronteiriça brasileira, que não é muito difundida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRIOS, G. Planificación lingüística e integración regional: el Uruguay y la zona de frontera. In: TRINDADE, Adelma; BEHARES, Luis. (orgs.) **Fronteiras, educação, integração**. Santa Maria: Pallotti, 1996. Cap.7, pág. 83-110.

BEHARES, L. E. **Uruguai / Brasil: contribuição ao estudo da heterogeneidade linguístico-cultural da fronteira sul**. Acessado em 17 jun. 2011. Disponível em:

<http://www.faculdaDESocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/3/02.pdf>.

BEHARES, L. E. Educação fronteiriça Brasil/Uruguai, línguas e sujeitos. **Proposições**, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 17-24, set./dez. 2010.

BEHARES, L. E. Historia y discurso sobre educación en zonas de frontera. In: TRINDADE, A; BEHARES, L. (orgs.) **Fronteiras, educação, integração**. Santa Maria: Pallotti, 1996. Cap.3, pág. 25-33.

CARVALHO, A. M. Diagnóstico sociolingüístico de comunidades escolares fronterizas en el norte de Uruguay. In: BROVETTO, C.; GEYMONAT, J.; BRIAN, N. (orgs) **Portugués del Uruguay y educación bilingüe**. Montevideo: ANEP, 2007. Cap.2, pág. 49-98.

ELIZAINCÍN, A. As pesquisas nas áreas de fronteira: Brasil/Uruguai. In: TRINDADE, A; BEHARES, L. (orgs.) **Fronteiras, educação, integração**. Santa Maria: Pallotti, 1996. Cap.2, pág. 13-24.

MILLÁN, G; SAWARIS, G; WELTER, M. El camino recorrido: lingüistas y educadores en la frontera Brasil-Uruguay. In: TRINDADE, A; BEHARES, L. (orgs.) **Fronteiras, educação, integração**. Santa Maria: Pallotti, 1996. Cap. 9, pág. 121-195.

MOZZILLO, I. O portunhol da fronteira Brasil-Uruguai: fenômeno de *code-mixing*? In: CORTAZZO, U.; MOZZILLO, I. et alii.(orgs.) **Línguas em contato: onde estão as fronteiras?** Pelotas: Ed. da UFPel, 2011. (no prelo)

MOTA, S. **As línguas fronteira sob a perspectiva do enunciador fronteiriço**. Acessado em 17 jun. 2011. Disponível em:
http://www.ufsm.br/corpus/txts_profes/TXTS_SENALE/sara_mota.pdf.

STURZA, E. R. **Línguas de fronteira e política de línguas : uma história das ideias linguísticas**. (Tese de doutorado). Campinas, SP : [s.n.], 2006.

STURZA, E. R. **Interface português/ espanhol: a constituição de um espaço de enunciação fronteiriço**. Acessado em: 17 jun. 2011. Disponível em:
http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais_paginas%20_2502-3078/Interface%20portugu%EAAs.pdf.